Ano VIII — Lisboa, Julho de 1952 — N.º 87

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Como o Escotismo desenvolve aptidões

Desenvolver aptidões e formar o carácter é o grande objectivo do Escotismo, porque tanto o carácter como as aptidões são aquilo que mais valoriza o indivíduo na sua relação com a vida em todos os seus aspectos. As aptidões só são verdadeiramente úteis quando, através do exercício, se transformam em capacidades; e é ainda o exercício dos sentimentos e virtudes que vinculam o carácter do rapaz. Por isso, a educação atinge os seus admiráveis objectivos através da acção, acção que se desenvolve num ambiente de alegre camaradagem agradável ao espírito da gente nova.

A Patrulha — essa pequena unidade de 5 a 8 escoteiros — é a base de toda a actividade escoteira. Sempre que negligenciamos a aplicação integral do sistema de patrulhas, estamos desperdiçando um dos melhores meios de exercitar aptidões e formar o carácter dos escoteiros. É na Patrulha que estes encontram oportunidade de iniciar o seu treino, despertando vocações, aptidões inatas, que sem esse estímulo continuariam ignoradas. Porque, na sua essência, Escotismo é sistema de patrulhas e sem sistema de patrulhas — aplicado desde os mais altos órgãos associativos — não pode haver Escotismo, pelo menos Escotismo que bem mereça esse nome. Roland Philipps, o infatigável defensor do sistema, afirma que este «não é um método que possa ser adoptado no Escotismo, mas é uma condição absoluta nele».

Devemos, pois, constituir as patrulhas deixando a iniciativa da actividade aos escoteiros, dando-lhes toda a responsabilidade, de forma que, sentindo-se livres de qualquer tutela sempre desagradável ao espírito da mocidade, vençam a timidez, adquiram confiança nas possibilidades próprias e assim se habituem a operar, despertando e treinando as suas aptidões. Deixemos que o Guia — cuidadosamente instruído para o cargo — dirija a Patrulha, entreguemos a sua administração aos escoteiros, deixemos que eles efectuem as suas eleições, elaborem as actas e relatórios, organizem festas, promovam excursões, realizem concursos, adquirindo um precioso espírito de iniciativa. É possível que assim, sem a presença constante dos Chefes, os empreendimentos não resultem tão brilhantes, mas tenhamos sempre presente que tais empreendimentos são apenas meios para atingir um objectivo superior — o treino de aptidões, visto que, como B.-P. declara, «o fim principal do sistema de patrulhas é dar uma verdadeira responsabilidade ao maior número possível de rapazes para desenvolver o seu carácter». A eficiência de um Grupo de Escoteiros na sua tarefa educativa afere-se pelo valor das patrulhas que o constituem.

O sistema de patrulhas encontra na vida de campo oportunidade magnífica de se aplicar em toda a sua amplitude e de contribuir para um exercício mais intenso das aptidões. Sabemos quanto a vida familiar é, na generalidade, prejudicial ao treino do rapaz. Os carinhos da família rodeiam o adolescente de excessivo conforto, apresentam-lhe tudo pronto, aplanam-lhe todas as dificuldades, resolvem todos os problemas, poupam-lhe todo o esforço e o jovem não só não encontra ensejo de aplicar as suas aptidões, mas não chega sequer a sentir necessidade de o fazer. Sem o hábito de se servir das suas faculdades, acostumado a depender sempre dos outros, será um inepto na vida porque carece de confiança em si próprio.

(*Conclui na 2.ª página*)

As classes e as especialidades

Instruídos os Guias, mais fácil se tornará, dentro do Grupo, a tarefa de ajudar o esforço de cada escoteiro, no sentido da obtenção dos diplomas de 3.ª, 2.ª e 1.ª classes. Tudo aquilo que aprenderam com o Chefe, os Guias transmitem aos seus escoteiros. Eles próprios recebem as provas que ensinaram e as anotam se estão correctas. Apenas a Lei e a Promessa constituem prova que deve ser recebida e interpretada perante o Chefe. Todas as demais são prestadas perante o Guia, que é o Chefe e o Instrutor da sua Patrulha. Cada Chefe envidará os seus melhores esforços, em 1952, para encher seu Grupo de 2.as e 1.as classes, pois, 3.ª classe é apenas um direito que o escoteiro alcança para ir adiante. As provas de classe constituem uma policultura admirável para o escoteiro e habilitam-no a ser útil em vários casos e ocasiões, levando-o, pela vida adentro, como «leader» dos outros rapazes, na escola, no trabalho, e em toda a parte. Interessemos também, e hàbilmente, todos os nossos 2.as e 1.as classes, pelas provas de especialidade. Arranjemos especialistas, amadores ou profissionais, naquilo que não estiver ao nosso alcance. Não deve porém o Chefe perder de vista a escolha do escoteiro. Ele escolhe, na certa, aquilo que lhe parece mais fácil. Mas, não há nada fácil ou difícil. O que há é coisas dentro ou fora da nossa vocação. E a sequência dessas escolhas, e dessas vocações, ajudará o Chefe, inteligente e observador, a fixar a vocação profissional do escoteiro, ajudando-o, assim, a lançar-se na vida, tanto quanto a sua influência o permita, naquilo em que ele possa produzir o máximo, e o melhor rendimento, para ele próprio e para a colectividade.

GELMIREZ DE MELLO
Comissário Nacional da U. E. B.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Como o Escotismo desenvolve aptidões

(Conclusão da 1.ª página)

O Escotismo procura corrigir esse defeito aproveitando ao máximo todas as oportunidades para que o rapaz desperte, aplique e treine as suas aptidões. Se o defeito vem duma vida de conforto excessivo, convém conduzir o escoteiro a um ambiente mais viril, onde um conforto relativo tenha de ser conquistado com esforço. Consegue-se esse ambiente no campo e na serra em contacto com a natureza. O acampamento será entregue à própria responsabilidade da patrulha. Não mais a criada nem a mamã para tratar do menino. Será ele quem terá de armar a tenda, preparar a cama, montar o campo com todos os requisitos indispensáveis a uma comodidade suficiente, adquirir os víveres; fazer a fogueira, cozinhar os alimentos, lavar as loiças, vencer as naturais dificuldades de uma actividade ao ar livre, coisas que, apesar de simples, nunca teria oportunidade de efectuar, e que lhe endurecerão os músculos, forjarão energias, darão ao rapaz um espírito de iniciativa e de domínio próprio, habituando-o a bastar-se e a safar-se das dificuldades com os seus recursos, as aptidões intensamente exercitadas. A vida de campo, dentro dos limites das capacidades físicas do adolescente, quanto mais dura, mais útil para o treino de aptidões.

A educação escotista — é o Fundador quem o afirma — não visa a tornar os rapazes bons, mas capazes de praticar o bem, de serem homens úteis ao país, sabendo usar as faculdades com que Deus os dotou ao seu serviço próprio e ao serviço dos seus semelhantes. Homens com capacidade para se desenvencilharem na vida pelos seus próprios meios, sem estarem constantemente esperando o socorro dos seus amigos e parentes.

É ainda no campo que se executam os melhores jogos escotistas, sempre dentro do sistema de patrulhas, e o próprio acampamento decorre num sistema de jogo, visto que a actividade escotista é essencialmente um jogo. Outra síntese admirável de B.-P. é aquela que define o Escotismo como «um jogo no qual irmãos mais velhos têm ocasião de proporcionar aos seus irmãos mais novos um meio são, e de os encorajar a uma actividade sã que possa ajudá-los a desenvolver o seu civismo.»

O jogo é uma actividade fundamental para a criança e para o adolescente, verdadeira finalidade da vida, aquilo que lhes é mais agradável e, portanto, instrumento ideal para o desenvolvimento de quase todas as aptidões. Os jogos escotistas são magníficos para o treino da vontade, da energia, da coragem, da atenção, da tenacidade, da imaginação, da própria inteligência. Para não falar já nas aptidões sensoriais que se desenvolvem ao máximo através dos jogos de observação e perseguição, transmissões por homógrafo e morse, incluídas nos próprios jogos, mensageiros, vigilância, etc..

Escolhem-se mesmo os jogos com a finalidade de actuar no sentido que se julga mais necessário. O estudo da técnica dos jogos é matéria importantíssima em educação, indispensável a qualquer acção educativa na infância ou adolescência. O Dr. Carlos Gross, na obra «O brincar como factor psicológico», afirma: «Vemos que o jogo infantil é um dos grandes meios sem os quais seria impossível uma civilização». Os jogos são um campo imenso, que o Escotismo português não tem sabido explorar, para o treino de aptidões e exercício das mais nobres virtudes

Toda a vida escotista — actividades de campo e de sede, jogos, festas e excursões — se deve desenvolver frente ao ideal estabelecido pelo Compromisso de Honra e Lei do Escoteiro. Este fundo idealista e espiritual permite que se desenvolvam não só as aptidões, mas também os sentimentos. A própria vida de campo é estímulo poderoso para o fortalecimento dos melhores sentimentos humanos. O jovem que numa noite escura faz sentinela ao acampamento, vigiando pela segurança e sossego dos seus camaradas, recebe uma lição incomparável do sentido da responsabilidade. O escoteiro que no jogo se habitua a declarar que não cumpriu uma regra, ganhou um sentido de lealdade que nenhum discurso lhe poderia ensinar. A prática da B. A., as pequeninas boas acções diárias, constitui uma escola de serviço do próximo, fomentando o espírito de amor verdadeiramente cristão.

Que diríamos da alegria, da camaradagem, da solidariedade, da fraternidade universal, de todos esses sentimentos que só através do exercício, da prática constante, se desenvolvem e fomentam?

Verdadeiramente o Escotismo é uma Escola Activa por excelência, que transforma as aptidões em capacidades, forma a personalidade valorizando o carácter e oferece à sociedade homens úteis e cidadãos laboriosos. Os milhares de antigos-escoteiros são em todo o mundo a prova testemunhal da nossa argumentação. A sua gratidão ao Movimento expressa bem o valor e o êxito do Escotismo.



PROBLEMA N.º 15

Com as 62 sílabas abaixo forme 31 dissílabos sinónimos das seguintes palavras:

Queda	Aparador	Colete de homem
Resultado	antigo	Manar
Número	Fértil	Escuridão
Fímbria	Simples	Desordem
Leito tosco	Inclinado	Lúgubre
Benevolência	Auréola	Rancho
Guerrilha	Manhoso	Sanguinolento
Freira	Varonil	Contendas
Crítica	Aforamento	Pântano
Comprazer-se	Corrupto	Perverso
Intriga	Bagatela	

BA BO BO BRE CA CA CHE CIL CRU ÇA ÇO DA DRE DRE DRO EL FÁ FE FE FE FLU FRU GA GA GRA HON IR JA JO LIM MA MO M. NIM NO PO PRA PRO QUE QUÉ RAL RAZ RE RI RIL ROZ SO TO TIM TRE TR TRE TRE TRE TRI TRO VA VER VI XAS ZE ZO

Com as terceiras letras de cada palavra forme um conhecido provérbio.

SOLUÇÃO DO N.º 13

1 digno	9 bucho	17 choca
2 claro	10 choco	18 ladra
3 redil	11 cinza	19 flora
4 choco	12 chave	20 mente
5 nudez	13 brota	21 chola
6 breve	14 taful	22 cargo
7 sabor	15 chama	23 tribo
8 briga	16 fuzil	24 licor

PROVÉRBIO

GADO DE BICO
NÃO FAZ O DONO RICO

SOLUÇÃO DO N.º 14

1 Ardil	8 Graxo	15 Trigo
2 Proar	9 Cobra	16 Grado
3 Copas	10 Troca	17 Bisel
4 Sargo	11 Zucar	18 Broma
5 Frase	12 Grado	19 mpar
6 Betar	13 Dócil	20 Bravo
7 Prole	14 Lhano	

PROVÉRBIO

DO PRATO À BOCA
CAI A SOPA

Uma Conferência sobre «Escotismo e Educação»

Por iniciativa da Comissão Organizadora da União Evangélica de Escoteiros de Portugal efectuou-se na sede da Juventude Evangélica Portuguesa, no dia 5 de Junho corrente, uma sessão de divulgação escotista.

Presidiu o Sr Eng.º Mário Correia, presidente da Comissão Cultural daquela colectividade, secretariado pelos Srs. Eduardo Ribeiro e Armando Lino.

O Sr. Eduardo Ribeiro justificou os fins da reunião e fez a apresentação do conferente. Este apresentou uma interessante dissertação sobre «Escotismo e Educação Cristã», que foi ouvida com muito interesse, tendo sido muito felicitado.

O Sr. Eng.º Mario Correia manifestou a sua satisfação pela conferência escutada e anunciou que a Juventude estava organizando o seu grupo de escoteiros, encontrando-se aberta a inscrição de aspirantes para o novo grupo, tendo encerrado a sessão,

O «Pow-Wow» do Velho Lobo

9.ª PALESTRA

Meus Irmãos:

Talvez em tempo algum além do nosso tanto se tenha falado em disciplina. De facto, vós sabeis bem quanto a disciplina pesa hoje sobre tantos milhares, milhões mesmo de homens que um dia foram livres, e se encontram agora ferreamente enquadrados por normas e preceitos disciplinares, que deles fazem verdadeiros autómatos, ou os transformam em farrapos humanos dentro dos campos de concentração, a grande vergonha da nossa civilização.

Pois bem. Nós, Escoteiros, também temos que invocar a disciplina; também nós temos a nossa disciplina, pois B.-P. a incluiu na 7.ª Lei:

O ESCOTEIRO OBEDECE ÀS ORDENS

acrescentando que tais ordens são as dos pais, do guia da patrulha ou do E. C., e «sem discussão». E nesse admirável *Scouting for Boys*, ao tratar em parágrafo especial da obediência e da disciplina, diz que elas são tão importantes para o Escoteiro e o soldado, como a bravura.

Qual será, afinal, a diferença entre a NOSSA disciplina e a outra? Vós sabei-lo muito bem: a disciplina do Escotismo é a que nos impõe a nossa própria consciência, o sentimento do dever e a noção de que a nossa liberdade tem por limites inultrapassáveis a liberdade alheia. Quando os homens chegarem à conclusão de que a disciplina e a obediência são uma necessidade moral de toda a civilização, e que, portanto, não pode SER imposta, mas deve impor-SE por si, nesse dia ter-se-á alcançado a verdadeira paz, essa paz de que tantos andam à procura, com os bolsos cheios de balas e o coração cheio de ódio, essa paz que, a despeito do que dizem tantos belicistas e tantos intelectuais de instintos bélicos, é ainda a condição única duma civilização construtiva.

O Escoteiro sabe que sem disciplina nenhuma sociedade pode subsistir. O próprio homem primitivo, ainda mal diferençado do animal e, portanto, todo entregue aos instintos, sabia muito bem que sem se submeter a determinadas limitações, jamais poderia aproximar-se do animal de cuja carne precisava. Inconscientemente, ele tinha a noção exacta de que se tornava necessário conhecer os hábitos do cavalo selvagem para o caçar, do porco montês, da rena ou do auroque para o matar. Se não se sujeitasse a rastejar em silêncio por entre o mato de pontas aguçadas, que se lhe enterravam na pele e o feriam, com os olhos fitos na presa e pronto a saltar no exacto momento, nunca lhe seria possível apanhá-la. A necessidade fisiológica do alimento impunha-LHE uma disciplina que ELE *livremente* aceitava, porque não o fazer seria prejudicar-se a si próprio.

Centenas de séculos volvidos, o homem que, consciente de que as pátrias são agregados de outros homens que os imponderáveis da História ligam através dos séculos, se impõe restrições ou as aceita para assim contribuir para a vitória da sua terra sobre aqueles que lhe querem impor um jugo estranho e férreo, esse homem é disciplinado porque sabe compreender perfeitamente que se assim não fizer não só poderá perder-se a si, como também à sua própria pátria.

Tem-se citado milhares de vezes como exemplo de disciplina o clássico soldado de Pompeia, cujo cadáver hirto, ainda agarrado à lança, foi encontrado junto a uma das portas da célebre cidade sepultada sob as cinzas do Vesúvio.

B.-P. cita outro menos conhecido do comum das gentes, mas que Guilherme II, último Imperador da Alemanha, mandava ler aos seus soldados para lhes dar a noção exacta de quanto vale a disciplina. Trata-se do naufrágio do *Birkenhead* que, há uns 100 anos, se afundou ao largo do Cabo da Boa Esperança. O navio levava soldados com as famílias, para salvar as quais se tornou necessário o sacrifício daqueles, que, formados no navio, foram para o fundo sem tentarem sequer mexer-se.

Recordarei ainda, meus rapazes, o caso do telegrafista do *Titanic*, o heróico Phillips, morto no seu posto, até à última lançando o sinal de S. O. S. para o espaço, e que tanto impressionou o meu espírito infantil quando, ávido de curiosidade, me curvava sobre os jornais para conhecer a tragédia em todo o seu horror.

Disciplina ainda, conscientemente assumida, foi a do falecido rei Jorge VI, que se recusou terminantemente a abandonar Londres nos dias trágicos de 1940, quando a Luftwaffe transformava a grande capital num montão de ruínas fumegantes.

(Conclui na 6.ª página)

Um acampamento

dos grupos evangélicos de Lisboa

Os grupos n.os 10, 53 e 94 de Lisboa acamparam na Serra de Monsanto nos dias 7 e 8 do corrente, onde efectuaram uma interessante actividade de conjunto.

O acampamento realizado em sistema de patrulhas foi dirigido pelos guias de secção Júlio Maria Reis e Rui Cunha.

De manhã, após o içar da bandeira nacional, houve serviço religioso no campo, tendo alguns escoteiros católicos, membros daqueles grupos, sido convidados a assistir à missa na igreja de Caselas, tendo assim todos os escoteiros acampados reservado uns momentos para adoração a Deus. No culto evangélico foi feita uma meditação sobre as recomendações que o Apóstolo Paulo fez ao jovem Timóteo: «*Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido*».

Durante o dia realizaram-se jogos, um programa de instrução, um torneio de voleibol e o Chefe Armando Lino fez uma palestra sobre o oitavo artigo da Lei do Escoteiro.

Antes do arrear da bandeira, o Chefe Capitolino Macedo fez o comentário da actividade, agradecendo a presença dos três grupos, e, referindo-se ao Grupo 10 que pela primeira vez realizava um acampamento, felicitou o Chefe Samuel Vieira pela conduta dos seus escoteiros.

★ ● ★

O GRUPO N.º 7

comemorou o 37.º aniversário da sua fundação

Esta tão antiga unidade dos Escoteiros de Portugal, agora anexa aos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, está ensaiando os primeiros passos para a sua reorganização e não quis deixar passar a data do aniversário da sua fundação sem o comemorar com uma festa efectuada em família, mas de cunho escotista e que terminou com o tradicional chá.

Estiveram presentes os Srs. Frederico Pereira Jardim, que representava a Direcção da Corporação de Bombeiros; o Chefe José Rodrigues e seu filho Flávio, dois pioneiros do «7»; Félix Bragança e João Patrício de Melo, representando os grupos 5 e 9; e o nosso redactor Ernesto Clímaco do Nascimento.

O Sr. Pereira Jardim recordou os tempos da sua actividade de bombeiro e da colaboração que então era dada pelo Chefe José Rodrigues e seus escoteiros.

Pelo Sr. Ernesto Clímaco do Nascimento foi feita entrega da mais antiga bandeira do grupo, que se encontrava em poder dos Serviços Centrais.

• • o • •

PROVAS DE CLASSE

O suplemento deste número das Provas de Patatenra trata da Lei do Escoteiro. O antigo manual "Para ser Escoteiro„ ocupava-se desta Prova com muito desenvolvimento, aliás bem merecido, e fá-lo com muita propriedade, inserindo ilustrações bem seleccionadas e bons comentários.

Sòmente a falta de espaço nos obriga a abandonar o que está escrito. No entanto, acompanhámos, sempre que possível, aquele trabalho, resumindo-o e adaptando-o às circunstâncias. A parte gráfica, executada pelo nosso colaborador M. Tacão Monteiro, foi inspirada e adaptada do manual "Première étape„ dos *Eclaireurs de France*.

OS PEIXES VOADORES

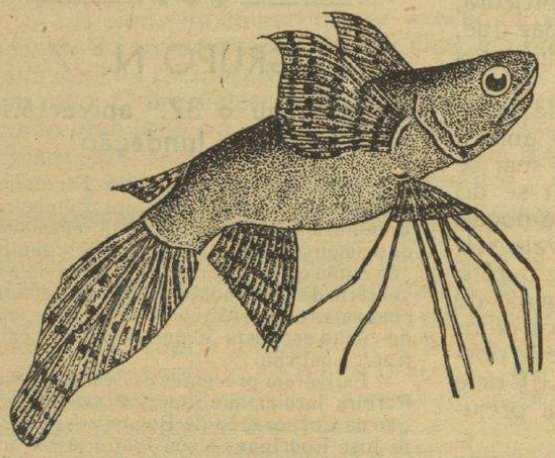
POR ALBERTO IDEIAS

Com a devida vénia, transcrevemos este interessante artigo do excelente mensário «Jornal do Pescador», que, gentilmente, também nos cedeu as respectivas gravuras.

Se o leitor já atravessou o Atlântico ou se internou pelo Mediterrâneo, certamente ficou entusiasmado ao ver o caprichoso evolucionar de uns animais alados que, como minúsculos aviões, saltam sobre as ondas, mais parecendo aves do que peixes. Umas vezes sós, outras em bandos (aliás, cardumes), galgam as vagas, enquanto os seus corpos esguios, com gradações de cores vivas, a que o sol brilhante empresta mais beleza, correm céleres pelo espaço. São os voadores, os peixes-voadores.

Nós, achando natural que uma ave possa submergir, não compreendemos muito bem que um peixe abandone o seu elemento para se lançar no ar, como um pássaro.

Diziam os antigos, já familiarizados com os voadores, serem estes os mais desditosos seres do mundo, pois, fugindo aos seus inimigos aquáticos por meio do «voo», iam ao encontro, no ar, de um novo perigo, tão ou mais temível que aquele: as

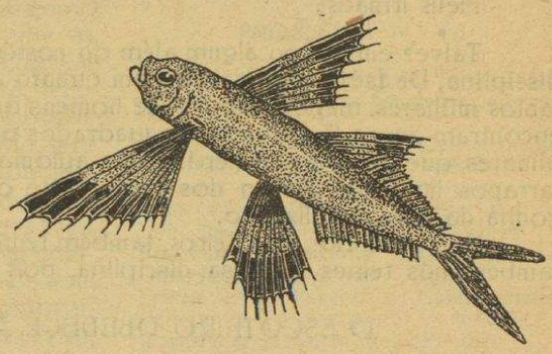


Mariposa

aves marinhas. Os navegadores gregos e romanos cultivaram a lenda de que, ao anoitecer, tais peixes abandonavam o mar, refugiando-se na costa e aí dormiam até ao dia seguinte. Por esta razão os chamaram *exocceti* (do grego: *exokoitos* — os que dormem fora), nome que os naturalistas conservaram e ainda hoje é usado.

Estes *exocetos*, que são os «voadores» mais conhecidos, pertencem ao mesmo grupo dos arenques e habitam os mares cálidos. Isto não quer dizer que sejam só os daquela espécie que possuem essa rara faculdade de «voar», porquanto, actualmente, conhecem-se vários peixes voadores, pertencendo a diferentes famílias, mas tendo todos, como carácter comum, grandes olhos, corpo aerodinâmico e um desenvolvimento desmedido das barbatanas peitorais, que as outras, geralmente, também acompanham.

Com os seus enormes raios, a extensa membrana que os une e o exagerado crescimento das peitorais, tanto em comprimento como em largura, essas barbatanas assemelham-se às asas de um morcego. Mas estes, como as aves, dispõem de músculos peitorais bem desenvolvidos e..., voam, na verdadeira acepção da palavra, isto é, têm voo activo, em que as asas, batendo no ar, são os agentes propulsores; nos peixes, este adejar é passivo, pois as suas amplas badanas estendidas transversalmente, limitam-se a servir de planadores. Uma tal propriedade, por surpreendente que nos pareça, em nada modifica as outras disposições orgânicas.



Peixe-voador

(desenhos do autor)

Durante muito tempo julgou-se, e certas autoridades professavam essa opinião, que o peixe fazia vibrar as barbatanas à maneira dos pássaros. Controvérsia após controvérsia, concluiu-se que as «asas» dos *exocetos* faziam às vezes de pára-quedas, ou antes, de plano de sustentação, como as dos aeroplanos.

Perguntará agora o leitor: se o misterioso motor do peixe não se esconde nas suas longas barbatanas torácicas, onde se encontra então a força que o faz sair do mar, num pulo, às vezes de 6 metros de altura e a uma velocidade que pode atingir 80 quilómetros à hora? É no rabo, na caudal, larga e forte, que reside todo o seu poder motriz, impulsionando-o fora de água e fazendo-o cobrir distâncias de 200, 300 e mesmo de 400 metros, até terminar o «voo» num mergulho impecável.

Quem seguir atentamente essas evoluções, vê-os modificar o rumo por uma leve inclinação dos «ailerons» — perdão, das barbatanas — e ganharem ou perderem altura pelo aproveitamento das correntes aéreas. Nestas sortes acrobáticas, de diversão ou em fuga a um inimigo voraz, acontece, algumas vezes, principalmente de noite, fazerem uma imprevista aterragem no convés dos navios. E então é vê-los impotentes já, lutarem desesperadamente com a morte que se aproxima, em arfantes convulsões, pregados às tábuas do navio. Não voarão jamais, acabando por perecer, como qualquer peixito vulgar, «afogados pelo ar.»

Todas as espécies marinhas são gregárias, sendo o petisco favorito de muitos outros peixes, como dourados, atuns, bonitos, albacoras, etc..

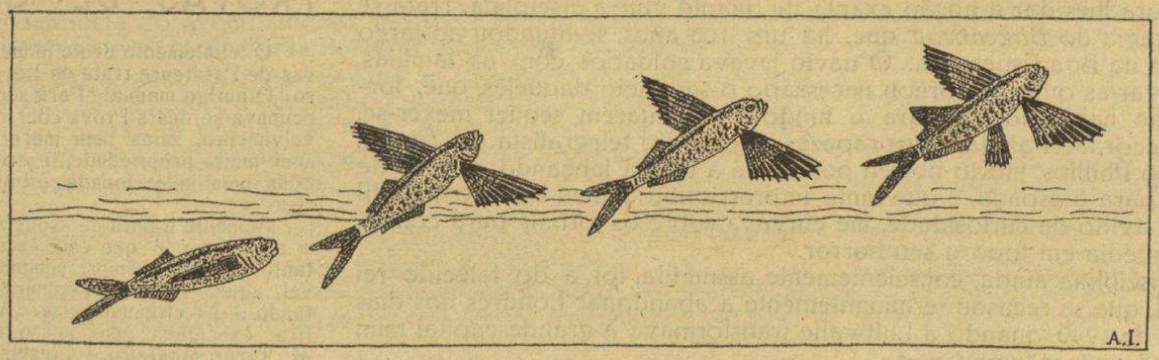
Nas Antilhas são muitos apreciados como pitéu quando bem preparados, e sujeitos, por isso, a uma pesca muito curiosa. A faina é nocturna, formando os barcos um grande semicírculo, com as redes ligadas umas às outras e esticadas fora de água. Depois de preparada esta armadilha, os pescadores acendem lumes, batendo no mar com as pás dos remos, fazendo um barulho diabólico. Os peixes espavoridos deixam instintivamente o seu elemento e, voando encandeados, vão emalhar, cegamente, nas redes.

Não se julgue, contudo, que os peixes-voadores são exclusivamente marinhos. Há-os fluviais, como a mariposa *(Pantodon bucholzi)*, dos rios da África intertropical, principalmente da região do Congo.

Este peixinho, de delicados matizes, não excedendo 10 centímetros de comprimento, tem a faculdade de saltar fora de água, voejando uns 20 metros, conseguindo-se capturá-lo com uma rede vulgar de apanhar borboletas. Possui grandes barbatanas peitorais e a ventral, colocada muito à frente, tem 7 raios muito compridos; a dorsal, ao contrário, é pequena e encontra-se bastante recuada.

Os seus imensos, exíguos e agudos dentes não se encontram implantados apenas nos maxilares, mas, também, no céu da boca e até na língua. Daí, o ser comummente conhecido pelo nome grego de *Pantodonte*, que quer dizer — todo dentes.

Outras espécies de água doce foram, com o decorrer do tempo, descobertas na América do Sul e na Índia. O voador desta última península é o Nuria, um curioso



Início do voo do «exocœtus»

(Conclui na 5.ª página)



Cartas

De Piky a Tony:

«Já sei que vieste ver-me e não te deixaram entrar porque estou com anginas. «Velho Lobo» também veio ver-me, mas esse entrou porque à gente grande não se pegam as anginas. A tia Carlota disse-me que «Velho Lobo» já é maior, mas a mim não me parece. A minha cama é um barco à deriva e eu sou um náufrago no meio dela. Tia Carlota e o senhor Doutor são a expedição de socorro que me estão atirando cordas da praia; e, se quiseres podes dizê-lo ao «Velho Lobo», vós os dois sois umas baleias, coleando à volta do barco onde eu estou naufragado...»

De Tony a Piky:

«...Se não te pões bom depressa, não poderás vir à quermesse de beneficência que as Guias organizaram, ajudadas pelos Escoteiros-Seniores.

É na quinta-feira, em casa de Solis, esse rapaz bexigoso que tem duas irmãs mais velhas, uma das quais é já *Ranger*. Todos vamos lá. Haverá bolos e também chocolates. Isso das baleias não me agradou muito, nem a mim nem ao «Velho Lobo». Ele disse-me que prefere ser da expedição de socorro. Mas eu ainda não pensei bem, porém desde já te digo que baleia não quero ser. Um rapaz da Patrulha Rato disse que, se tu o deixares entrar no jogo, ele pode ser um tubarão sanguinário, que é o melhor que sabe imitar; e isto é verdade, porque, se não viesse levantá-lo um escoteiro da patrulha Bisonte, percorreria toda a sede nadando em seco. E isto é uma coisa que ele faz muito bem. Continuamos com os nós. Já me saem formidáveis. Os nós direito e de pedreiro são os que faço melhor...»

Cartas... cartas desordenadas e incongruentes, de que a pureza e nitidez das ideias não hão-de fazer inveja à brancura do papel onde são vertidas. Cartas de dois rapazinhos, dois lobitos, que, à sombra das belas ideias powellianas, fruíram uma amizade tão terna e comovedora, que se estenderá indestrutível pelas suas vida fora, ainda quando estas cheguem a separar-se por cursos e caminhos distintos.

De Piky a Tody:

«... Não me foi possível estar bom na quinta-feira. Mas a culpa foi do senhor Doutor que não quis, que eu por mim bem queria estar bom. Cada vez estou mais naufragado e aborrecido. E a expedição de socorro já não me serve para nada porque se tornou minha inimiga de todo. Nem me dão de comer, Tody...»

De Tody a Piky:

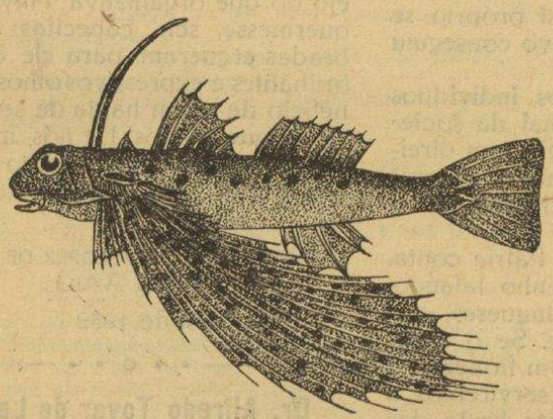
«... No final de contas, não passámos lá um momento que se diga bom. Não podíamos mover-nos porque sujávamos o chão todo lustro, lustro... Nem tocar em nada porque se podia partir. Os bolos não os deram no prato... E ao Raimundo, esse que tem perdizes em casa, deu-lhe de repente um desmaio e tiveram de o levar berrando como um bezerro, segundo

(Conclui na 6.ª página)

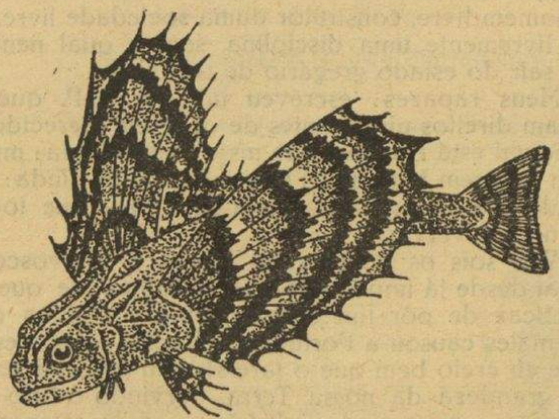
OS PEIXES VOADORES

(Conclusão da 4.ª página)

peixe que só vive em águas cuja temperatura ultrapasse 20 graus; e nos grandes rios do Brasil e da Guiana podem ver-se milhares de peixes que, como libélulas gigantes, rasgam a água, escapulindo-se em todas as direcções.



Gurnal



Andorinha do mar

Todavia, de todos os peixes alados, são os marinhos não só os mais conhecidos como também os que possuem maior poder de voo. Dentro deles convém destacar dois: o peixe-voador por excelência *(Exocoetus volitans)* e a andorinha-do-mar *(Dactylopterus volitans)*.

O primeiro, denominado pelos pescadores profissionais arenque-voador, chega a atingir 50 centímetros e é de cor azulada no dorso e branco-prata no ventre. Habita no Mediterrâneo oriental, oceano ndico, mares australianos e chineses, visitando, ocasionalmente, o Atlântico e os mares do Norte. Nas águas indo-malásias vivem outros espécimes voadores: o pégaso *(Pegasus draconis)*, caracterizado por ter o corpo coberto de placas, e o gurnal-voador *(Cephalacanthus orientalis)*, um peixe quase ignorado e que, não sendo tão alígero como os verdadeiros voadores, empreende, contudo, frequentes, posto que acanhadas, excursões aéreas.

O segundo, a andorinha-do-mar, possui uma volumosa cabeça couraçada, de feio aspecto, com prolongamentos espinhosos, corpo revestido de rijas escamas, olhos grandes e saídos. As suas desmesuradas barbatanas torácicas, exibindo manchas de lindo colorido, recordam asas de borboletas. A este curioso exterior corresponde uma estranha particularidade anatómica: a bexiga natatória não se encontra na cavidade abdominal, mas sim muito mais acima, o que indubitàvelmente, lhe facilita os saltos e o equilíbrio no ar.

O «Pow-Wow» do Velho Lobo

9.ª PALESTRA

(Conclusão da 3.ª página)

Sim, tudo isto é disciplina. Mas, meus rapazes, ela não é remédio a usar apenas nos tempos heróicos, quando todo o ar respira guerra e epopeia. Essa espécie de disciplina é a que impressiona mais, por ser a mais fàcilmente acessível aos espíritos simples, que depressa se cansariam se a tivessem sempre ante os olhos. Do ponto de vista escotista, interessa muito mais a disciplina interior, a que brota da inteligência, e que esta impõe a cada um de nós. É ela, de facto, que nos distingue *essencialmente* do comum dos animais. Ela trava-nos a língua, quando ia a sair a injúria, suspende-nos o braço quando ele ia a cair sobre o fraco, prega-nos ao solo quando nos sentíamos tentados à fuga cobarde, faz-nos estender a mão leal ao inimigo vencido quando o nosso subconsciente nos empurrava para o escárneo, obriga-nos a erguer cedo quando tudo solicitava que nos conservássemos no calor da cama, impele-nos para o perigo a salvar o semelhante, quando a parte animal do nosso ser nos fazia encolher no receio, prende-nos à mesa de trabalho quando outros nos solicitam para o prazer, impede-nos de gastar dinheiro quando a tentação ou a leviandade nos aconselha a desperdiçá-lo, impõe-nos a linguagem da verdade, quando o medo de nos comprometernos quer levar-nos pelo caminho da mentira, etc., etc., etc.

Meus rapazes: por muitos pequeninos «nadas» deve o Escoteiro distinguir-se dum «rosto pálido». Uma coisa, porém, há que não pode considerar-se «nada», mas «muito»: é a autodisciplina, o *self control* dos Ingleses. É o nosso próprio «eu» que no-la deve impor. Quem sabe impor-se, conscientemente, uma disciplina a si próprio, melhor compreenderá como ela pode impor-se aos outros. Mas socialmente só os espíritos autodisciplinados podem contribuir para o progresso da comunidade, precisamente porque *Natura non facit saltus* e a indisciplina traz a desordem que facilita todas as aventuras.

Comecemos por nos impor uma disciplina, criando para nós um método ou norma de vida. Aceitemos, a seguir, as limitações que a Natureza e a Sociedade impõem à nossa liberdade. Desconfiemos dos improvisadores, tão comuns no nosso País, e recordemos que, no passado, sem uma disciplina férrea que os Portugueses se impuseram, jamais seria possível a grande epopeia dos Descobrimentos.

Aprendamos a dominar os nossos impulsos, as nossas paixões, os nossos instintos. Façamos do Cérebro o mandatário único do nosso ser, mas não esqueçamos que aquele exige a colaboração do Coração, para não se transviar pelos caminhos áridos dum racionalismo estreito e sectário. Cérebro e Coração, unidos, geram a Vontade, motor inicial de todas as grandes empresas, e com a ajuda desta trindade nobre seremos homens perfeitos, pelo menos humanamente perfeitos. Mas não esqueçamos que essa trindade deve pôr-se ao serviço dos outros. A nossa autodisciplina comanda-nos nessa obra altruísta, e o nosso dever é obedecer.

É essa obediência consciente que distingue o homem livre do escravo; é essa obediência raciocinada que deve caracterizar o Escoteiro, homem livre, construtor duma sociedade livre, que a si próprio se impõe livremente uma disciplina, sem a qual nenhum povo conseguiu jamais sair do estado gregário de rebanho.

Meus rapazes: escreveu um dia B.-P. que «muitos indivíduos reclamam direitos ainda antes de os terem merecido». O mal da sociedade actual está exactamente nisso; mais ainda: muitos reclamam direitos sem saberem bem quais eles sejam; pior ainda: reclamam-nos, ignorantes de que antes há deveres a cumprir, e que todo o «direito» pressupõe um «dever».

Vós sois os homens do futuro. É convosco que a Pátria conta. Procurai desde já impor-vos essa disciplina de que vos venho falando, meio eficaz de pôr fim à indisciplina congénita dos Portugueses, que tantos males causou a Portugal de há 200 anos a esta parte. Se o fizerdes — e eu creio bem que o fareis! — eu posso acreditar com firmeza na futura grandeza da nossa Terra. Servindo o bem comum serviremos a Civilização e, mais ainda, salvá-la-emos de retroceder à era bruta das cavernas.

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

Escoteiro amigo: Se propuseres um novo assinante, prolongarás a existência do «SEMPRE PRONTO».

Os nossos contos

(Conclusão da 5.ª página)

disse a irmã mais velha de Solis, essa que é *Ranger* e caixa-de-óculos e que não deixou de falar com «Velho Lobo» nem sequer para comer. Estavam lá muitos escoteiros e guias, mas nós éramos poucos. Toda a gente queria que comprássemos papelinhos de rifas; mas eu não comprei e estou bem contente. Porque não saiu nada a nenhum de nós. E como já estávamos pouco quietos, a senhora *Ranger* e «Velho Lobo», mortos de riso, deram-nos uns apitos para nos distrairmos. Porém, eu não me distraí nada. Nem nenhum de nós. «VelhoLobo», quando nos viemos embora, veio a falar-nos no sentido de sacrifício e de abnegação. Estava muito contente. No entanto, o rapaz que disse querer ser tubarão sanguinário, declarou que, pela parte que lhe cabia, teria preferido mil vezes estar naufragado como tu...»

De Piky a Tody:

«... Hurrah! Deita as amarras Uff! Já me levanto e vou até à varanda e já estou bom. Não deixes de me vir ver.

A próxima quermesse será feita por mim, e eu repartirei as rifas e tudo ficará para nós. E os bolos também. E não virá ninguém de fora, a não ser esse rapaz que quer ser tubarão. Diz-lhe que tenho um montão de selos repetidos, que vai ser mesmo um regalo...»

Quando «Velho Lobo» quis saber, entre outras coisas, a benefício do quê organizava Piky a sua quermesse, seis cabecitas assombradas ergueram para ele os seus brilhantes e expressivos olhos. A benefício de quem havia de ser! Claro... que de nós! De nós mesmos!

É por isso, que «Velho Lobo» ainda não soube que volta deve dar ao assunto...

Loreto Azpeitia y Lopez de Ayala
(Alma Azul)

Madrid, Abril de 1952

Dr. Alfredo Tovar de Lemos

Só agora tivemos conhecimento de que este nosso estimado amigo, um dos mais antigos dirigentes escotistas portugueses e presidente da Fraternal, esteve bastante doente, mas já se encontra melhor e a caminho da convalescença, com o que nos congratulamos.

Cumprimentamos o Sr. Dr. Tovar de Lemos, expressando os nossos votos de um breve restabelecimento.

A Lei do Escoteiro afirma:

1.º O escoteiro é verdadeiro; a sua palavra é sagrada.
2.º O escoteiro é obediente e respeita-se a si próprio.
3.º O escoteiro pratica diàriamente uma boa acção.
4.º O escoteiro é cortês e leal; todos os escoteiros são seus irmãos.
5.º O escoteiro é generoso e valente.
6.º O escoteiro ama os animais e as plantas.
7.º O escoteiro está sempre alegre e bem disposto.
8.º O escoteiro tem iniciativa e toma a responsabilidade dos seus actos.
9.º O escoteiro é económico, sóbrio e respeitador do bem de outrem.
10.º O escoteiro é puro no pensamento, nas palavras e nas acções.

A LEI DO ESCOTEIRO

1 — O Escoteiro é verdadeiro; a sua palavra é sagrada.

Pode confiar-se sempre na palavra do Escoteiro. Diz sempre a verdade ainda que seja em seu prejuízo. Nos jogos, não faz trapaça. Na escola, não copia. Na oficina, no escritório, na loja, cumpre escrupulosamente os deveres do seu cargo. É pontual. Nunca diz «juro» nem «palavra de honra», porque a palavra do escoteiro é só uma.

2 — O Escoteiro é obediente e respeita-se a si próprio.

O Escoteiro confia nos seus pais, nos seus chefes e nos seus superiores. Executa alegremente as ordens que deles recebe, sem discutir e de boa vontade. Está *sempre*

pronto. Desta forma, conquista o respeito de si próprio. Não pratica qualquer acto que o possa diminuir no seu conceito próprio e alheio. Obedecendo aos seus pais e professores, aos seus chefes, às autoridades e às leis da sua pátria, manifesta também todo o respeito que lhes deve. E só assim, também, aprende a mandar; porque só sabe bem mandar quem sabe obedecer.

3 — O Escoteiro pratica diàriamente uma boa acção.

O bom escoteiro socorre sempre, embora se prive de algum bem-estar, todos os que sofrem; socorre com palavras, com actos, com o que estiver ao seu alcance e sempre com um sentimento sincero que lhe há-de vir do fundo do coração; perdoa aos seus inimigos, se os tiver, sem guardar nenhum ressentimento; defende sempre o fraco contra o forte, o justo contra o injusto; não dorme todas as noites senão depois de se ter lembrado da Boa Acção praticada durante o dia e, se não teve oportunidade de fazer nenhuma, fará *duas* no dia seguinte.

O bom escoteiro não espera que lhe peçam auxílio, mas procura constantemente ensejo de ser útil e praticar a Boa Acção sem aceitar recompensa.

4 — O Escoteiro é cortês e leal; todos os escoteiros são seus irmãos.

O Escoteiro é delicado para com todos, sobretudo para com as senhoras, velhos e enfermos, tratando todos

Soubeste ainda que logo que estivesses preparado farias o Compromisso de Honra, serias investido na dignidade de Escoteiro e passarias a pertencer à Patrulha que tu próprio escolhesses. Através da dedicação à tua patrulha contribuirias também para o prestígio do teu Grupo.

1—Insígnia associativa.=2—Lenço.=3—Estrelas de serviço.=4—Número do Grupo.=5—Localidade.=6—Escalpes (fitas de patrulha).=7—Insígnia de classe.=8—Insígnia de cargo (pescadinhas).=9—Canivete.=10—Calção (dois dedos acima do joelho).=11—Jarreteiras.=12—Meias.=13—Sapatos.=14—Vara.=15—Cinto.=16—Insígnia de cargo de patrulha.=17—Bandeira de patrulha.=18—Insígnias de aptidão.=19—Lista «Escoteiros de Portugal».

8—O Escoteiro tem iniciativa e toma a responsabilidade dos seus actos.

Sem o espírito de iniciativa a Humanidade jamais teria alcançado o estágio de progresso em que se encontra. As descobertas e invenções que hoje constituem o seu maravilhoso património e que lhe abriram novos e cada vez mais amplos horizontes, não se teriam realizado sem que a iniciativa de alguns homens, que se tornaram lhes tres, tivesse operado nesse sentido.

O escoteiro tem iniciativa, não espera que os outros a tomem para ele depois imitar, mas é ele que, reconhecendo a necessidade de qualquer empreendimento ou trabalho, se lança a realizá-lo com o desejo de ser útil, assumindo inteira responsabilidade dos seus actos. Porque a responsabilidade dos nossos actos é a consequência lógica da nossa liberdade de iniciativa.

Fugir à responsabilidade dos nossos actos, qualquer que eles sejam, e às suas consequências, denota sempre um fraco carácter. E o escoteiro nunca foge às responsabilidades dos seus actos, sejam eles quais forem. E assim

e lealdade a Deus, ao país e ao Rei; a proteger os fracos, a ser cortês para com os velhos, as mulheres e as crianças; a prestar auxílio a todos os necessitados, a estar *sempre pronto* para a defesa do Bem, da Justiça e da Verdade.

OS CAVALEIROS DE HOJE

Os Escoteiros são os modernos cavaleiros, os descendentes e continuadores heróicos dos homens gloriosos que em tempos idos se dignificaram e honraram na prática do bem e das mais insignes virtudes e na defesa e engrandecimento da Pátria.

Como os cavaleiros de outrora, os escoteiros têm um vivo sentimento da honra, são dedicados à Pátria, preparam-se física e moralmente para servi-la e engrandecê-la na paz e também para defendê-la na guerra se tanto for necessário, vivem para espalhar o bem, a paz e o amor sobre a terra, servindo sempre os seus semelhantes, mormente os velhos, os doentes, as mulheres e as crianças, fazendo-o com alegria e até com abnegação e sacrifício da própria vida. Tal como os antigos cavaleiros, prestam um **Compromisso** de obediência a uma **Lei** e recebem das mãos da sua madrinha o chapéu com a *Flor de Lis*, e das mãos do seu chefe a vara, que simbolizam a armadura e a espada do cavaleiro, numa festa solene a que assistem a sua família e todos os companheiros.

O *Compromisso de Honra*, que o Escoteiro presta, com a mão estendida em saudação sobre as bandeiras nacional e escoteira, é o seguinte:

Prometo pela minha honra fazer todo o possível por:

Amar e servir fielmente a Deus e a minha Pátria;

Auxiliar o próximo em todas as circunstâncias;

Obedecer à Lei do Escoteiro.

com correcção. Não toma em público atitudes que incomodem as outras pessoas.

O escoteiro é irmão de todos os outros seus camaradas, sejam quais forem as suas crenças, a sua posição social, a sua raça. É sincero nas suas convicções, mas esforça-se por compreender as opiniões dos seus amigos. Não é orgulhoso, não olha sobranceiramente os seus companheiros mais pobres e humildes, nem vê com inveja aqueles que são mais ricos. Aceita as pessoas como são e a todos, superiores ou subordinados, trata com cortesia.

O Escoteiro é leal, não trai; vive de alma aberta; não finge ser amigo se o não é, e o que tem de dizer ou de fazer, diz ou faz pela frente. Não simula, não fala mal de ninguém pelas costas e, se alguma coisa tem a dizer, tem a coragem de a dizer ao próprio. Nos jogos ou lutas agirá sempre lealmente e, quer perca quer ganhe, será leal com o seu adversário, abraçando-o sempre com a mesma estima. Será sempre fiel à sua Pátria, à sua família e aos camaradas.

5 — O Escoteiro é generoso e valente

O homem que arrisque a sua vida para salvar o seu semelhante, um médico que não recue perante o perigo de uma epidemia, um funcionário que sacrifique os seus interesses no cumprimento dos seus deveres, aquele que é capaz de defender os caluniados por amor à verdade, dão exemplos de **coragem cívica**.

Aquele que na adversidade lute sempre sem desfalecimento, o que domine as suas paixões e instintos, o que se eleve acima dos seus interesses para obedecer apenas à sua consciência, possuirá a coragem mais apreciada e mais rara—**a coragem moral**.

5 — Saber de cor os artigos da Lei e do Compromisso e explicar, com exemplos, o significado de cada um deles.

OS CAVALEIROS ANTIGOS

Certamente que todos vós, escoteiros, sabeis o que eram os cavaleiros antigos. .. Homens nobres, sempre prontos a darem o seu sangue e a sua vida, com desprendimento, por Deus, pelo país e pelas causas justas.

Viviam para fazer o bem e tinham um sentimento da dignidade elevado ao mais alto grau. A honra era para eles uma coisa imaculada: preferiam morrer a cometer qualquer acto que fosse contra ela.

Na paz, corriam terras em busca de aventuras distribuindo a justiça e o bem: eram os CAVALEIROS ANDANTES.

Tudo isto faziam com desinteresse, abandonando o conforto dos grandes castelos senhoriais pelos rigores dos campos, dos bosques e das florestas, sob as intempéries e em luta permanente com os animais ferozes e com os homens de instintos selvagens e procedimento cheio de ódio e malvadez, sempre metidos nas suas pesadas armaduras de aço, que os protegiam nos combates.

Quando o país estava em guerra, marchavam com o seu pequeno séquito, que os acompanhava sempre, fielmente, até à morte, e reuniam-se às hostes do seu Rei.

Deviam ser fortes, para poderem suportar o peso das sólidas armas que usavam e ágeis para manejá-las. Preparavam-se, com esse objectivo, desde a adolescência até que, quando homens, depois de considerados física e moralmente aptos para a vida de luta e altruísmo que deviam suportar, eram armados cavaleiros, recebendo do próprio Rei ou de um Nobre, depois de VELAREM ARMAS e prestarem um juramento solene, a espada que lhes ia servir na vida.

Obedeciam a um Código que nunca fora escrito, mas que os obrigava, moralmente, a considerar a honra sua e alheia como sagrada, a guardar a mais rigorosa fidelidade

A coragem cívica e moral, é a verdadeira base da generosidade e valentia. O escoteiro é generoso e valente e, por isso, é corajoso na presença do perigo e pode inteiramente todas as suas forças físicas e morais e todas as suas aptidões ao serviço dos seus semelhantes, procurando sempre melhorar a sua cultura e educação e fortalecer o seu corpo, de forma a estar sempre pronto para toda a boa obra.

6—O Escoteiro é amigo dos animais e das plantas.

Não maltrata os animais, não lhes causa sofrimento mesmo que sejam nocivos e não os mata sem razão. Protege-os quando são animais úteis, observa-os com interesse, estuda os seus hábitos. Respeita todos os seres vivos, uns e as plantas, não os destruindo sem necessidade. O escoteiro reconhece a Natureza como obra de Deus e, por isso, não destrói um animal ou uma planta senão por necessidade.

7—O Escoteiro está sempre alegre e bem disposto.

Esforça-se por espalhar a alegria em seu redor. Não se aborrece e desanima em face das contrariedades, mas mantém a sua calma, sorri e assobia frente às dificuldades. Procura sempre o lado alegre de todas as coisas.